

# Etnografia das margens da cidade: a Margem da Linha em Campos dos Goytacazes

*Ethnography in the margins of the city: Margin Line in Campos dos Goytacazes*

CATERINE REGINENSI

## RESUMO

Este artigo apresenta alguns elementos-chave da pesquisa etnográfica que coloca em perspectiva lugares e percursos de vida na cidade de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro. Caminhar, descrever e escrever será o fio condutor desta etnografia realizada na favela chamada Margem da Linha. A hipótese que foi desenvolvida era a seguinte: o estudo das trajetórias dos habitantes do universo da favela até os conjuntos Morar Feliz (programa de realojamento municipal) permite observar como as diferentes margens espaciais, sociais e culturais crescem na cidade contemporânea. A produção de margens será analisada a partir de interações entre múltiplos atores. As margens remetem a outros conceitos, tais como interstícios, fronteiras, periferias. Mas não podem ser reduzidas a um ou outro. As margens evocam lugares que não correspondem às regras e normas estabelecidas pelo Estado. O poder público produz essas regras e normas criando situações de marginalidade que estigmatizam e criminalizam partes da população.

**Palavras-chave:** Margens, Etnografia, Favela, Conjuntos habitacionais Morar Feliz

## ABSTRACT

This article presents some key elements of ethnographic research that put in perspective places and life trajectories in the city of Campos dos Goytacazes (state of Rio

de Janeiro). Walking, describing and writing will be the leitmotif of this ethnography in the slum called *Margem da Linha* (Margin Line). The hypothesis that was developed was as follows: the study of the trajectories of the inhabitants of the universe from the slum to the joint *Morar Feliz* (Living Happy, municipal relocation program) allows us to observe how the different spatial, social and cultural margins grow in the contemporary city. This production of margins is analyzed through interactions among multiple actors. The margins refer to other concepts, such as interstices, borders, peripheries. But they can not be reduced to one or another. The banks evoke places that do not match the rules and standards set by the state. The government produces these rules and regulations creating situations of marginality that stigmatize and criminalize parts of the population.

**Key words:** Margins, Ethnography, Relocation housing program

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “A cidade como arena de oportunidades. Etnografia das margens da cidade, estética e partilha política do sensível”<sup>1</sup>. O projeto tratava de aprofundar a compreensão das práticas e estratégias dos moradores envolvidos em projetos significativos de mudança no cotidiano, dentro e fora do espaço de moradia.

A pesquisa, de abordagem etnográfica, desenvolveu-se em diferentes lugares de favelas e de conjuntos habitacionais (programa Morar Feliz) na cidade de Campos dos Goytacazes, colocando em perspectiva algumas reflexões construídas em outros campos de pesquisa (em particular na favela do Morro da Providência), na metrópole do Rio de Janeiro. Esta reflexão e a experiência de pesquisas anteriores conduziram a formular duas questões principais que orientam a pesquisa:

- Quem reside hoje nas margens da cidade?
- Como aprofundar a compreensão das práticas e estratégias dos sujeitos envolvidos em projetos significativos de mudança no cotidiano, dentro e/ou fora do espaço de moradia?

A partir do lugar das favelas, dos conjuntos e dos seus espaços coletivos, tentei questionar a categoria de margem e formular a seguinte hipótese: o estudo das trajetórias da favela às casas do Morar Feliz permite observar como diferentes margens sociais, espaciais e culturais se desenvolvem na cidade contemporânea, e essa produção de margens deve ser analisada através das interações entre múltiplos atores.

As margens urbanas estudadas devem ser entendidas como uma construção espacial e social que permite uma melhor compreensão do desenvolvimento urbano. As margens fazem referências a outras noções, tais como interstícios e fronteiras (BARTH, 1995; BAUTÈS, REGINENSI, 2008). As margens observadas não se reduzem ao desvio ou à marginalidade, e podem ser definidas como outro mundo muitas vezes combatido, mas tolerado porque de fato participa da existência da sociedade urbana. As margens revelam muito mais do que o conceito de periferia. Ao contrário da perife-

<sup>1</sup> Pesquisadora visitante bolsista CNPq, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf).

ria, a margem pode designar um enclave, onde práticas singulares acontecem e remetem ao processo de fragmentação urbana (NAVEZ-BOUCHANINE, VALLADARES, 2005). Essas autoras chamam atenção sobre a ambivalência da noção de fragmentação pois não podemos confundir por exemplo pobreza e cidade informal (diferenças de renda são comuns nos bairros populares).

Conforme Das e Poole (2004), as margens se referem a três definições: as margens da *legalidade* oficial, as margens da *legibilidade* estatal (referência à burocracia escrita) e as margens da *normalidade* como espaço entre os corpos, a lei e a disciplina (referência ao “biopoder” de Michel Foucault). As margens que me interessam são essas constituídas de populações em movimento, ligando vários bairros ou trechos de cidade, como por exemplo, as margens analisadas nas pesquisas com meninos de rua, no caso africano (MORELLE, 2008), com camelôs no Rio de Janeiro (REGINENSI, 2012), com músicos ou artistas nos campos de refugiados da Palestina ou nas favelas do Rio (PUIG, 2008, DIAS, 2013).

Estudar as margens não significa descrever periferias ou favelas, mas sim, assumir uma posição de pesquisadora “em movimento” que analisa situações de fazer e inventar a cidade (AGIER, 1999), experiências que revelam dinâmicas urbanas. As favelas e os conjuntos Morar Feliz podem ser considerados como margens *da* e *na* cidade? Como construir uma etnografia que compara, que coloca em perspectiva? Apesar de todas as diferenças (as favelas existem há muitos anos, os conjuntos têm dois ou três anos de existência e representam uma esperança de acesso à moradia), os obstáculos e dificuldades (falta de serviços urbanos) são parecidos, no caso observado em Campos dos Goytacazes. Tanto os moradores das favelas quanto de conjuntos sofrem um estigma social muito forte, que resulta em desemprego e sentimentos de revolta.

Minha primeira intenção era estudar uma favela chamada Margem da Linha<sup>2</sup>, cujo nome já tinha a ver como meu objeto. Mas descobri que a situação de mudança na qual se envolviam os moradores era muito complexa, e decidi prestar atenção também a outros locais<sup>3</sup>. Em janeiro de 2015, comecei um trabalho de campo na Margem da Linha. Inspiradas pelo trabalho da Amanda Dias (op.cit.), tentei construir a etnografia por meio de três eixos: entrar nas margens, prestar atenção em como os moradores percebem as condições de habitação nas favelas e nos conjuntos (ambos ficam na periferia e não aparecem em determinados mapas) e entender como alguns (os que Amanda Dias chama de “intelectuais das margens”) agem para tentar romper um “círculo vicioso” e tentar melhorar as condições de vida deles.

Para dar conta dessa complexidade, a pesquisa tentou se aproximar das experiências urbanas. Dentro dessa perspectiva, procurei tomar como ponto de partida as análises dos meus interlocutores, como eles vivem nas margens e como alguns deles atuam nas margens. A preocupação permanente, ao longo da pesquisa, foi cruzar pontos de vista diversificados sobre os processos de remoção envolvendo

2 A favela Margem da Linha está localizada às margens da linha férrea, da antiga Rede Ferroviária Federal, por onde passava o trem de carga que fazia a ligação entre Campos dos Goytacazes e Rio de Janeiro, cruzando terras pertencentes à antiga Usina do Queimado. Na favela residem 2.196 pessoas em 371 domicílios (IBGE, 2010).

3 As primeiras observações foram realizadas durante dois meses, no complexo de favelas Lapa/Parque Califórnia e no Novo Jockey, casas do programa Morar Feliz (FARIA, T. J. P, REGINENSI, C., 2014)

tanto pesquisadores como moradores, assim como outros atores observados (em particular alguns artistas) nas áreas de estudos. Esta abordagem aponta para um olhar ampliado sobre as transformações socioespaciais na cidade de Campos dos Goytacazes na sua contemporaneidade.

Na primeira parte, o artigo apresenta o trabalho imagético, documentação visual, caminhando e observando na favela da Margem da Linha. A segunda parte contempla o processo de pesquisa, ou seja, a construção de uma metodologia híbrida. Algumas considerações finais incorporam ideias surgidas durante o seminário (fase devolutiva da pesquisa) ocorrido em agosto de 2015.

## CAMINHANDO E OBSERVANDO NA MARGEM DA LINHA: A CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO DE FOTOS

A fotografia como relato junto com o diário de campo foi importante para a descrição do lugar e para começar a análise. O *corpus* fotográfico é apresentado antes dos relatos e analisado depois. Desta maneira, as imagens produzidas são testemunhas do meu olhar e dão a perceber como “entrar no campo” e “nas margens” e, antes de mergulhar na narrativa, observar. O caderno de fotos deve ser entendido como um processo de documentação visual, em seguida organizado com temáticas.

Neste artigo vou apresentar algumas imagens revelando temáticas: muros e fronteiras, paisagem da ferrovia, arranjos, rua e casas, as casinhas<sup>4</sup> do Morar Feliz, marcas do tráfico de drogas, paisagem da remoção/reocupação.



**Figura 1. Na Margem da Linha, o muro, um varal, 27-09-2014, ©CReginensi**

<sup>4</sup> A maioria dos moradores que encontrei chamava as habitações do programa Morar Feliz de “casinhas” e as vezes acrescentam “da Rosinha” (referindo-se à prefeita de Campos dos Goytacazes, Rosinha Garotinho). Decidi sempre utilizar as palavras usadas por meus interlocutores.

**Figura 2.** Na Margem da Linha, o muro que separa a favela do condomínio Recanto das Palmeiras, 10-02-2015, ©CReginensi



**Figura 3.** O segundo muro, o muro hostil, 10-02-2015, ©CReginensi



Figura 4. Na Margem da Linha, a ferrovia, 27-02-2015, ©Creginensi



Figura 5 . A rua, as casas, a ferrovia, 10-02-2015, ©CReginensi



Figura 6. Um varal, uma rede, 10-02-2015, ©CReginensi



Figuras 7 e 8. Casas na Margem da Linha, 10-02-2015, ©CReginensi



**Figura 9. Crianças do Bairro da Tapera brincando na Margem da Linha, 27-02-2015, ©Creginensi**



**Figura 10. Marcas no poste, 10-02-2015, ©Creginensi**





Figura 11. Casa demolida na Margem da Linha, 28-01-2015, ©CReginensi



Figura 12. Casa reocupada depois da remoção, 28-01-2015, ©CReginensi



## UMA METODOLOGIA HÍBRIDA PARA ENTENDER AS TRAJETÓRIAS DE VIDA E O CONTEXTO SOCIOURBANO

Utilizei vários métodos para estudar o processo de mudança da favela para os conjuntos Morar Feliz no sentido de captar a maneira como, dentro dos espaços da favela e do conjunto, os moradores criam uma imagem deles mesmos e do universo onde moram e onde não querem morar.

Assim, a metodologia dessa pesquisa etnográfica é uma combinação de vários métodos, tais como a observação flutuante, retomando a proposta de Colette Pétonnet (1982): trata-se de produzir uma etnografia que consiste em deixar o pesquisador permeável no campo pesquisado e realizar o exercício de andar, ver, conversar e escrever. Foi uma adaptação permanente, já que não podia caminhar incógnita, como no caso evocado pela autora da observação flutuante, porque nos dois campos (complexo de favelas e a Margem da Linha) já fui apresentada, desde o início, como pesquisadora visitante. Interesse-me pela abordagem pragmática dos trabalhos de Erving Goffman (1973), que desenvolveu ferramentas conceituais que evidenciam a influência do lugar na conduta dos atores. O autor trabalhou sobre a noção de situação social, de região moral e de quadro (setting). Sua obra sugere que é possível diferenciar os lugares em função das condições de acesso aos outros. Mas, como observa Jean Paul Thibaud (2001), na obra de Goffman as características dos lugares são analisadas como obstáculos, como fronteiras que não deixam perceber situações complexas. J.P. Thibaud propõe o método dos percursos comentados, com o conceito de ambiente sensível, que permite, por meio de sensações, deixar as pessoas responder sobre o meio em que vivem. Trata-se de perceber em contexto e de questionar as qualidades sensíveis do lugar como participante do seu caráter público.

Para captar os espaços vivenciados pelos atores é preciso experimentar com eles o método dos percursos comentados, por meio de três atividades: caminhar, perceber, descrever (THIBAUD et al., op.cit.). Organizei percursos comentados antes de entrevistar a pessoa, e essa experiência representou uma porta de entrada no universo de cada indivíduo. Conforme o método, eu queria intervir o mínimo possível: realizar um trecho curto e deixar o indivíduo descrever o que estava vendo, sentindo, ouvindo. Mas eles falavam da vida passada, da dança ou perguntavam: “O que tem que dizer?” Decidi não me preocupar e me adaptei; analisei esses percursos montando uma página com imagens e pedi para eles indicarem as palavras relevantes da sua fala. Essas caminhadas me permitiam ganhar a confiança e realizar a entrevista com mais facilidade e/ou voltar a conversar, se precisasse.

Os trechos escolhidos pelos interlocutores para caminhar juntos – e eu gravando e fotografando – foram do Centro Juvenil São Pedro, ligado à Ordem dos Salesianos e implementado na favela da Margem da Linha, até a saída do lugar. Uma única exceção: o percurso da Sonia<sup>5</sup>, que escolheu caminhar do Centro até um centro de capoeira (que não tem nada a ver com o Centro Juvenil).

Na Margem da Linha, a escolha da abordagem que privilegia histórias de vida possibilitou abordar de outra forma o tema da mudança e das remoções. Sem privilegiar a observação exclusiva dos discursos dos indivíduos, procurei trabalhar com as suas

<sup>5</sup> Nome fictício. Resolvi adotar um nome fictício para essa moradora e para os dois dançarinos, que preferiram manter seu nome em sigilo. Conservei os nomes reais de Cristiane, Cícero e dos educadores do Centro Juvenil, adiante mencionados.

trajetórias de vida inseridas no meio social em que elas se desenrolam, ou seja, tanto no universo da favela como na cidade de Campos dos Goytacazes. Não se trata de um enfoque biográfico, mas de um estudo de trajetórias de vida, ainda em andamento, lembrando a metáfora de Pierre Bourdieu (1986, p. 71) quando diz:

Tentar compreender uma vida como uma série única e suficiente em si mesma de eventos sucessivos, sem outra ligação que a associação a um “sujeito” cuja constância é apenas aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.

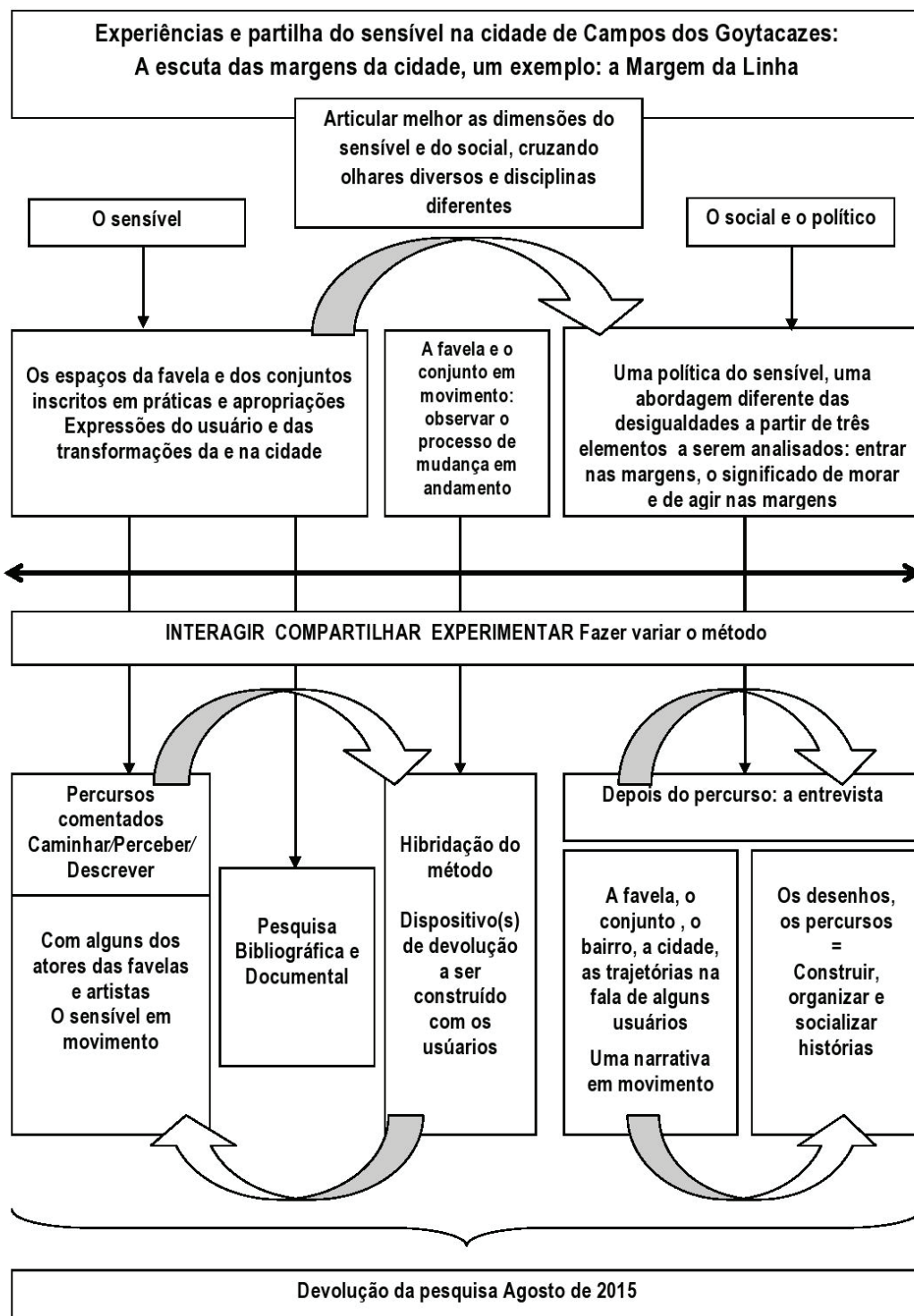
Isto é, trata-se de fazer o esforço permanente de situar sociologicamente a trajetória de vida estudada frente às condições concretas de existência a ela subjacentes. Assim logo depois da realização do percurso realizava uma entrevista a fim de compor biografias, histórias de vida, e entrevistei cinco pessoas. Minha escolha não foi por acaso. Trata-se de pessoas reconhecidas pela comunidade como indivíduos que atuam. Entrevistei Cristiane, liderança, dirigente da associação de moradores, e passei tempo com ela, principalmente porque é empregada pelo Centro Juvenil como professora de capoeira, e Sônia, como moradora respeitada, nascida em Campos e criada na Margem da Linha há mais de 50 anos, vizinha do Centro Juvenil. Dois rapazes, dançarinos, foram indicados por Cristiane e Sônia como meninos “legais” que mexem com arte. Por fim, o Cícero que descobri nos meus passeios não mora na Margem, mas sempre trabalhou como artesão no universo das favelas em Campos dos Goytacazes.

Os laços que comecei a criar durante o meu trabalho de campo me levaram a estudar as formas como cada um deles tenta melhorar o cotidiano e renegociar o seu papel na Margem da Linha e fora da favela. Isto é de fato sempre muito problemático, porque cada um está à procura de um equilíbrio entre uma forma de engajamento e a organização de uma atividade geradora de recursos. Esta abordagem defende, fazendo um contraponto à uma perspectiva explicativa, um ponto de vista de adotar um esforço compreensivo da realidade social observada, conforme Jean Claude Kaufmann (1996: 48): “O informante (...) não é questionado sobre sua opinião, mas porque ele tem conhecimento valioso”.

Experimentei na Margem da Linha o método dos grupos focais com jovens do grupo de teatro do Centro Juvenil. O método envolve toda uma dramaturgia: cenário da entrevista, perguntas e atividades (a serem preparadas pela educadora de forma a compor visualmente o processo). Foram trabalhadas perguntas abertas, orientadas pela experiência dos participantes em vez de conhecimentos. A palavra escolhida foi: a mudança, qual é o seu significado? E como falar ou desenhar a experiência da mudança? A questão da violência, o segundo tema escolhido, foi tratada a partir de três cenários ou histórias que contei ao grupo: cada jovem escolhia uma história e a desenhava ou contava e desenhava outra história que aconteceu ou que foi contada para ele. Depois se organizou um debate com o grupo que, no final, devia escolher coletivamente uma situação de violência como relevante.

O uso dessa metodologia híbrida pretendia explorar melhor o significado de morar nas margens da cidade e do político em Campos dos Goytacazes, resgatando a memória e a trajetória dos moradores oriundos das favelas e que estão morando nos conjuntos habitacionais do programa Morar Feliz. A seguir está um esquema da metodologia utilizada:

Figura 13: Esquema representativo da metodologia utilizada



## O CONTEXTO SOCIOURBANO DA FAVELA DA MARGEM DA LINHA

Os dados apresentados são extraídos das entrevistas com moradores, educadores do Centro Juvenil São Pedro e dos artigos de Mendes, Gomes e Siqueira

(2014), de Faria e Pohlmann (2013), e me permitiram contextualizar melhor o contexto da favela a Margem da Linha.

**Figura 14: Boulevard Shopping (em azul)** em perspectiva ao vazio urbano das terras da antiga Usina do Queimado (em vermelho). Em amarelo, a área central urbana e região da Pelinca, concentradoras de investimentos. Em verde, localização da Favela da Margem da Linha. Fonte: Google Earth. Adaptado por Faria e Gomes (2012)



A origem da Favela da Margem da Linha remonta à década de 1960, conforme relatos dos moradores, quando trabalhadores da Usina do Queimado iniciaram a ocupação das margens da linha férrea Rio–Campos em terras pertencentes à referida usina. Após a década de 1990, as terras da Usina do Queimado, em especial, foram sendo paulatinamente loteadas, dando origem à construção de hipermercados, condomínios fechados de alto padrão, condomínios residenciais verticais. Destaca-se a implantação do Boulevard *Shopping*, em 2009, que acelerou o processo de especulação fundiária, como destacado por Faria e Gomes (2012). Conforme esses autores, entre 2009 e 2011 houve valorização fundiária de cerca de 70% no Parque dos Rodoviários, onde está localizado o *shopping*.

Conforme o IBGE (2010), 2.196 pessoas residem na comunidade, sendo 1.112 homens e 1.084 mulheres, abrigadas em 571 domicílios. Além disso, existem 70 residências que estão desocupadas:

A Prefeitura constatou a existência de 32 construções que não estão terminadas, e por isso não são consideradas moradias:

12 casas vazias e 14 alugadas pelos próprios moradores. Além disso, existem 18 pequenos comércios, como “mercadinhos” e salões de beleza, e 08 instituições caracterizadas como filantrópicas ou religiosas (MENDES et al., op. cit.,: 13).

Estes autores, que realizaram uma pesquisa em 60 domicílios, correspondendo a uma amostra de 9,36% do universo (considerando os dados do IBGE de 2010), mostram a presença de famílias extensas:

(...) formadas por pais, mães, avós, tios, padrastos e madrastas, em que há uma centralidade na figura da mulher (esposa, mãe, avó), tendo como base as relações de consanguinidade. Nesse sentido, **não é possível considerar apenas a família nuclear como foco das políticas públicas**, pois os diferentes arranjos pressupõem demandas específicas. Isso tem como consequência imediata o tamanho das moradias ocupadas por essas pessoas. Algumas ocupam casas com cômodos suficientes para **abrigar todos os membros da família**, o que não aconteceria caso se mudassem para as unidades habitacionais do programa Morar Feliz (MENDES e als., op. cit.,: 16).[Grifo meu].

O Centro Juvenil é uma instituição importante para quem vive na favela porque “tira as crianças e os adolescentes da rua” (morador, em janeiro de 2015). Conforme a fala dos educadores do Centro, destaca-se na Margem da Linha o grande número de crianças e adolescentes que, em caso de remoção, devem ter assegurados o direito à educação e à convivência familiar e comunitária.

No período das remoções mais recentes (novembro de 2014), o Centro se mobilizou e preparou um relatório semanal para a Defensoria Pública. Quando começou o deslocamento das 312 famílias que escolheram ir para Ururá (conjuntos Morar Feliz), instalou-se, já no primeiro dia, uma grande confusão porque faltaram caminhões para a mudança. Assim, 17 das 43 famílias que deviam mudar ficaram sem poder ser deslocadas e sem casa! Essas famílias voltaram para a Margem da Linha na área de demolição e tornaram-se famílias desabrigadas. Os caminhões ofereceram o serviço de mudança pago. Antes de entregar o relatório aos defensores públicos, saiu a notícia de que as crianças e adolescentes das famílias desabrigadas deveriam ir para abrigos da assistência social, complicando o processo, já que haveria decisão judicial: em casos como esse, as crianças ingressam fácil e rapidamente nos abrigos, mas torna-se muito difícil sair, e a volta para a casa dos pais demora a ocorrer. De outro lado, os proprietários privados que tinham casas na área não aceitaram alugar pela prefeitura, que não cumpre a promessa e paga com muito atraso. Foi dramático pelas famílias que, se não fossem para o aluguel social, perderiam a casinha! Nova audiência foi organizada, e o juiz deu dez dias e suspendeu as remoções até que as famílias que já estavam sem casa achassem uma solução. E acharam, com a ajuda da família, ou de vizinhos. (Dados recolhidos na entrevista com Beatriz Mateus, coordenadora do Centro Juvenil, 10/02/2015). Quando as coisas se acalmaram, o Centro voltou a reunir os moradores que não queriam sair da Margem da Linha. Convocou uma reunião com a participação de dois defensores públicos, à qual assisti:

Às 18:45, a sala de reunião, no Centro, começou a encher. E

quando chegaram os defensores, contei aproximadamente 45 pessoas presentes. As crianças foram brincar, em outro espaço, acompanhadas de educadores do Centro. Renato, educador, explicou o processo de remoção até hoje e salientou que as reclamações dos moradores podiam vir por parte de pessoas que quiseram sair e depois, chegando no Morar Feliz, reclamaram, por exemplo, da falta de transporte. Os defensores públicos explicitaram que defendem os interesses de quem não tem condições de contratar um advogado. Mas a questão de quem fica ou quem sai é a opção de cada indivíduo; depois a mobilização revela-se imprescindível e dá trabalho. Acrescentaram primeiramente que a posse pode ser obtida mais facilmente que a propriedade, porque precisa de um documento registrado, as terras são particulares no município de Campos; segundo, a usucapião é um caminho possível, mas tem obstáculos. Deve ter uma ação individual e outra coletiva. Explicaram como funcionam as permanências da Defensoria em Campos. Logo uma professora da Uenf insistia sobre a necessidade de uma mobilização coletiva para ter uma chance de conseguir ficar. (Extrato do diário de campo, 10-02-2015)

## UMA ETNOGRAFIA EM ANDAMENTO

A partir de janeiro de 2015, decidi concentrar minhas observações no trecho entre a entrada da Margem e o Centro Juvenil. No entanto, durante um percurso com o animador do Centro Juvenil, observei a favela do Centro até a Tapera. Caminhar, descrever e escrever o relato do meu percurso no lugar foram a espinha dorsal da etnografia, para retomar a proposta de Hélio Silva (op.cit). Combinei as observações, que são captação de instantes, de pessoas, de paisagens, com o registro fotográfico. Conforme Silva, são momentos da etnografia que não podem ser confundidos: o meu olhar está em movimento, *travelling*, *travel*, viagem, lembra Silva (op.cit.:175), enquanto a fotografia capta e paralisa o movimento. Com três meses em campo, aproximadamente, e com frequência às segundas e quartas-feiras, tive contato com boa parte dos moradores entre a entrada e o bar dos amigos, que se situa depois do Centro Juvenil.

A organização dos dados recolhidos com observações repetidas e o registro de fotos permitiu discutir diferentes temáticas:

## MUROS E FRONTEIRAS

Os muros foram discutidos durante o percurso comentado com Beatriz Mateus e Renato Gonçalves dos Santos, respectivamente coordenadora e educador do Centro Juvenil São Pedro. De fato, são três muros: um antigo que cerca o condomínio Recanto das Palmeiras, um segundo muro que fecha um terreno da Ampla (concessionária de energia elétrica) e um terceiro fechando a área de um futuro condomínio residencial de alto padrão. Beatriz e Renato comentam que o primeiro muro “nunca foi um muro que causou qualquer questionamento (..).

Quando começou a construção desse segundo muro, que é bem extenso, que passa pelo Centro Juvenil e vai bem à frente na comunidade, esse causou um impacto.” Renato acrescentou:

É um muro bem hostil, porque ele tem a cerca de arame e uma cerca elétrica, diferente do muro do outro condomínio, e ele é um marco, porque o Recanto das Palmeiras já tem 16 anos, e, como a Beatriz falou, quando ele se estabeleceu aqui sendo o primeiro empreendimento imobiliário dessa região e deu partida nessa valorização imobiliária do valor da terra aqui como área de residência, esse muro não causava essa desconfiança porque ele não era um muro hostil como o atual.

Logo depois uma professora da Uenf comentou que alguns moradores da Margem (segundo depoimentos de moradores) não são muito bem considerados pelos vizinhos do Conjunto Recanto das Palmeiras, que até chamavam a polícia quando os moradores organizavam festa (no período das festas juninas, por exemplo).

Não consegui pessoalmente observar brigas ou disputas, mas, observando com regularidade o condomínio desde a Margem, vi moradores olhando para a favela e fechando brutalmente a janela, ao se sentirem observados.

O muro deixa ver escritas que falam de um personagem do tráfico que foi preso, um tal Peixe, que morava em frente ao muro. Outra inscrição, a seguir, indica a presença da facção do tráfico que manda neste local: Amigos dos Amigos (ADA). As iniciais ADA se encontram também pintadas nos postes da entrada até o final da Margem da Linha.

## AS CASAS E A RUA

Na Margem da Linha, a rua é o prolongamento da casa. Além de ser o caminho mais que uma rua urbana, é usada para entrar e sair do lugar. O caminho/rua é muito frequentado em todas as horas: podem ser observadas pessoas a pé, de bicicleta, de moto e, com menos frequência, alguns carros. Os moradores vivem e praticam a rua como se fosse a casa: para brincar, para se encontrar com os vizinhos, para pendurar a roupa, improvisando um varal, para descansar colocando uma rede. Outros indivíduos improvisam um barzinho, uma lanchonete, e/ou dispositivos construídos com material de recuperação que servem de bancos, de mesa, pequenos arranjos do cotidiano. Os meninos do tráfico organizam a sua atividade no trecho depois do Centro Juvenil. Ao chegarmos perto deles, os educadores do Centro me pediram para não fotografar; mas fazem parte da rua.

A rua “vira casa” (MELLO, VOGEL, 2002). Conforme esses autores, os dados da percepção do masculino/feminino, formal/informal, público/privado, dentro/fora são codificados diversamente, dependendo do contexto sociocultural. Assim, a rua pode ser mencionada como lugar de passagem, como caminho que leva ao trabalho, ao colégio, ao lazer, ao supermercado, mas ela mesma dá lugar a todas essas atividades.

Retomando as categorias de Magnani (2002) a favela da Margem da Linha,



na sua extensão e linearidade, é a expressão de um **pedaço**. As primeiras observações e falas recolhidas indicam forte sentimento de pertencimento. Esse sentimento constrói, no caso de alguns moradores, a mobilização para resistir à remoção. Neste caso, o pedaço evoca a permanência de laços de família, de vizinhança. Perguntada sobre o que mais gostava do lugar, Sônia respondeu: “O que eu mais gosto no momento é ter meus filhos por aqui, saber que estão todos perto de mim, porque depois que ganhar a casinha já vi que vai todo mundo se separar um do outro (Entrevista Sônia, 7-03-2015).”

No intuito de conhecer melhor o cotidiano dos moradores, não podia somente registrar o lado positivo; o sentimento de pertencimento pode também passar por situações de constrangimentos e violência. Voltei a conversar com a Sônia dizendo que gostaria fazer caminhadas da favela à rodovia BR 101, e, quando chegamos a um desses caminhos que conduzem da favela à rodovia, esta moradora ressaltou – falando baixinho, durante o percurso, em tom de confiança – o cenário de violência e mencionou que uma vizinha foi estuprada atravessando esse caminho. Sônia fez uma descrição de como a mulher voltou destruída, e acrescentou que nesse caminho aconteceram vários assaltos. Sem querer me assustar, queria me avisar para não ir para lá.

Já outra moradora, Cristiane, sublinhou, além dos diversos laços, a proximidade dos serviços que reforça a ideia de ficar, apesar de dificuldades e casos de violência registrados: “E aqui nós estamos perto de tudo, a gente tá perto de tudo, farmácia... a gente tem acesso a tudo aqui. Então a gente indo pra lá vai ficar longe de tudo, né?” (Percurso Cristiane, 22-02-2015).

Os diferentes deslocamentos criam **os trajetos**, que são os fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade, entre os quais os moradores entrevistados destacaram a praça São Salvador, no Centro, os comércios do Centro, às vezes o Mercado Municipal e o *shopping* Boulevard. Outra categoria são **os circuitos**, que descrevem o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecidos em seu conjunto pelos usuários habituais. O conceito de circuito também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos. Por exemplo, todos os entrevistados citaram a praça São Salvador como fazendo parte dos seus trajetos, mas os dançarinos colocaram um uso diferente da praça como lugar de encontro com outros dançarinos e músicos para ensaiar.

Na Margem da Linha, a rua é um espaço linear, de uso coletivo, apropriado pelos moradores ao longo do tempo, ou seja, um processo de construção social do lugar, na beira da ferrovia. Renato, durante o percurso comentado, sublinhou a função da linha quando chovia, antes da pavimentação da rua: “(..) quando não existia calçamento e chovia e essa rua ficava completamente alagada e pantanosa, era a linha do trem que servia de calçada para as pessoas entrarem e saírem da comunidade.” Hoje, essa linha desativada, nos dias de chuva ou nos momentos de brincadeira, continua funcionando como a calçada da rua.

As casas foram observadas desde a rua. De fato, a maioria das entrevistas foi realizada no Centro Juvenil. Consegui visitar a casa da vizinha, ou seja, da Sônia,

e ainda a da Cristiane, outra vizinha do Centro, e percebi que a descrição da casa incluía necessariamente a rua e o quintal. As duas confirmaram que a maioria das casas possuía um quintal. O que chamou a minha atenção foi a diversidade de padrão das casas e do seu cerramento (grades, muros, tapumes) que, às vezes, esconde parcial ou totalmente a própria casa.

## VIZINHANÇA E REMOÇÕES

O percurso comentado com Renato me permitiu ir além do espaço próximo ao Centro e de parar, observar e fotografar as casas demolidas, testemunhas da última remoção. Como relatei, a remoção não foi bem sucedida, e Renato disse que nunca foram estabelecidas prioridades claras no projeto da Prefeitura. Assim, chegamos em frente a uma casa de alvenaria, meio demolida. “Não tem lógica”, comentou Renato. “Têm muitas casas precárias; poderia se pensar que seriam contempladas para ser demolidas, e os moradores, removidos para os conjuntos Morar Feliz... O que significa área de risco?”, questionou, acrescentando que esse lugar recebeu poucas intervenções urbanas e quase nenhum serviço. Durante esse mesmo percurso, descobri o bairro da Tapera e as casinhas. Saímos do Centro de carro e estacionamos quase na parte final da Margem da Linha para observar o Renato comentando o ambiente. Neste contexto, encontrei duas crianças, meninos com pipas, caminhando pela via férrea. Perguntei se eram da Margem da Linha, e responderam que não, que moravam na Tapera e gostavam de ir brincar naquele lugar, caminhando e correndo no lugar do trem que não passa mais. Comentaram que são muitas as crianças que atravessam e vão brincar por lá.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas considerações contemplam pontos importantes que foram evidenciados na pesquisa e incorporam a importância da fase devolutiva.

O seminário, intitulado *As margens da cidade falam!*, realizou-se nos dias 19 e 20 de agosto de 2015 por iniciativa dos programas de pós-graduação em Políticas Sociais e em Sociologia Política da Uenf, tendo sido financiado pela Faperj (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro). O encontro propôs um espaço de debate e experimentações em lugares diferenciados na cidade de Campos dos Goytacazes (oficinas, performances, projeções a serem realizadas com os participantes).

Desta forma, o compartilhamento da experiência de pesquisa e de sua devolução seria colocado em questão com pesquisadores de diferentes disciplinas e áreas profissionais, em uma perspectiva interdisciplinar, com moradores e atores dos lugares pesquisados. O primeiro dia foi dedicado a visitar os campos onde a pesquisa foi conduzida, sendo a tarde consagrada à visita da favela da Margem da Linha. Organizou-se *performance* com o grupo de teatro e dançarinos da comunidade, debate com a liderança e projeção de imagens. Para essa parte, foi contratado um fotógrafo profissional: Vincent Rosenblatt<sup>6</sup>, francês estabelecido no Rio, que tem fotografado bailes *funk* desde 2005. Assim, durante dois dias, antes

<sup>6</sup> Site de Vincent Rosenblatt: <http://vincentrosenblatt.photoshelter.com>

do seminário, Vincent fotografou atores das margens, principalmente o grupo de teatro e da capoeira e um dançarino (passinho). Organizou ainda uma cenografia, “*miseenscène*” das remoções, e a noite foi dedicada a uma projeção das imagens produzidas, tendo como tela sendo o já referido muro hostil<sup>7</sup>.

No segundo dia, propostas de debates e reflexões se organizaram em várias mesas, no auditório multimídia do CCH/Uenf: uma mesa sobre as margens e pesquisa etnográfica, outra mesa sobre os conjuntos habitacionais (Morar Feliz ou Minha Casa, Minha Vida), e uma mesa-redonda sobre a produção cultural nas margens, com a presença de Cristiane capoeirista, Sidney Tartaruga do Rio de Janeiro — ativista urbano da favela Cantagalo, capoeirista atuante no projeto Favela criativa: capoeira liberdade) — e de Beatriz Mateus, coordenadora do Centro Juvenil São Pedro. Cada mesa teve um moderador e um debatedor.

O primeiro elemento a ser destacado é a impossibilidade de definir as margens de forma precisa. As margens físicas, materiais não se apresentam como alguma coisa homogênea. A linearidade da favela da Margem da Linha constrói de fato elementos que podem ser chamados de margens ou considerados como estando às margens da cidade de Campos dos Goytacazes. O trecho que observei, situado no início da linha e perto do *shopping*, é diferente do trecho final, mais perto das localidades da Tapera e de Ururaí. De fato, os moradores que querem ficar na Margem da Linha são os que estão morando perto dos serviços, comércios, escolas... Quando visitamos as casas do Morar Feliz, em agosto de 2015, durante o seminário, alguns moradores mostraram a casa antiga na favela (situada no trecho final da Margem) e afirmaram gostar da nova casa em Ururaí. A configuração geográfica da antiga casa influencia a escolha de mudar ou de ficar e pode criar algumas fronteiras de diferenciação entre os moradores da Margem da Linha. Essa complexidade merece atenção e coloca, às vezes, o pesquisador em situação de constrangimento ou desvela o lugar incômodo do pesquisador “falando pelo outro” (SPIVAK, 2014). O que se pode chamar de margens representa um mundo social, onde as pessoas podem ser excluídas de recursos mas, ao mesmo tempo, podem tentar construir estratégias e lutar por uma vida melhor (REGINENSI, BAUTES, op.cit.). As margens podem ser estudadas fazendo variar os métodos para se aproximar do cotidiano dos moradores, e assim perceber todas as riquezas do lugar e também as dificuldades vivenciadas. As margens revelam ainda práticas plurais que contam com habilidades envolvendo os residentes em vários registros que multiplicam iniciativas culturais, artísticas e outras. Na medida em que baseiam a sua estética sobre a co-construção, eles questionam a ética e os participantes do projeto social. Essa proposta, conforme Jacques Rancière, indica que no espaço urbano a memória, o risco se encontram até compor uma estética, uma partilha política do sensível (RANCIERE, 2005). A “partilha” deve ser tanto interpretada como o compartilhamento de algo comum (a cultura, o *habitat*, os direitos civis, a liberdade) quanto como um “lugar de disputas” por esse “comum” – disputas que, baseadas na diversidade das atividades humanas, definem “competências ou incompetências” para a partilha. A noção significa união e divisão de “espaços, tempos e atividades que determinam a maneira como um

7 Link para acesso as imagens produzidas pelo fotógrafo Vincent Rosenblatt, na Margem da linhaLinha: <https://www.dropbox.com/s/cdmp5wfv5qdqm5p/NaMargemDaLinha.mov?dl=0>

‘comum’ se presta à participação e como uns e outros tomam parte nesta partilha” (RANCIÈRE, op.cit.,:15).

Na Margem da Linha, tentei entender como se opera essa distribuição do sensível descrevendo o cenário da partilha, observando espaços/tempos de atividades que mostram:

- As relações fortes que a comunidade tem com as plantas e os animais domésticos. Assim as plantas, tais como abacate, aroeira e lavandeira, foram citadas pela Cristiane e pela Sônia, que acrescentou a banana, muito utilizada. Beatriz, durante o percurso comentado (25-02-2015), salientou a importância das plantas e seu conhecimento por parte dos membros da favela e reforçou a possibilidade de que a favela da Margem seja reconhecida como quilombo.

- As práticas da dança, do teatro, da capoeira como portas de entrada na luta contra os preconceitos e para a vida na favela, entrando no processo de reivindicação pelo direito de morar lá, autorizando-se a falar da capoeira inspiradora de resistência:

A capoeira deixa a gente forte. O nosso pensamento... a capoeira esse tempo todo vem atravessando todo tipo de preconceito e discriminação. E aqui nós estamos atravessando por todo tipo de preconceito e discriminação na nossa comunidade. Então isso que nos dá resistência para nós podermos lutar como a gente está lutando hoje. Como a gente está lutando por justiça, entrando na justiça reivindicando nossos direitos (entrevista com Cristiane, fevereiro de 2015).

Pouco a pouco, revisitando as imagens e os debates do seminário, é preciso sublinhar que a pesquisa na Margem da Linha e das margens da cidade oferece múltiplas possibilidades de pesquisas empíricas e interlocuções, ou seja, a criação de espaços nos quais “o subalterno possa se articular, como consequência, possa também ser ouvido” (ALMEIDA, SPIVAK, 2014, p.16).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M. (1999). *L'invention de la ville: banlieues, townships, invasions et favelas*. Amsterdam: Editions des Archives Contemporaines.

BARTH, F., (1995). Les groupes ethniques et leurs frontières. In.: P. H. Poutignat & J. St-reiff-Fenart, eds. *Théories de l'ethnicité*. Paris: PUF, p. 203–249.

BECKER, (1985). *Outsiders. Etudes de sociologie de la déviance*, trad. fr., Paris: Métailié.

BOURDIEU, P., *L'illusion biographique*, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, p.62-63, 1986.

DAS, V., POOLE, D. *Anthropology in the margins of the state*. [s.l.] SAR Press, 2004.

DIAS, A. (2013). *Aux marges de la ville et de l'état*, Paris: Karthala.

FARIA, T. J. P; POHLMANA, M. A. de O. (2013). Políticas públicas e desigualdades so-

coespaciais: gestão para uma cidade justa? In: Encuentro de Geógrafos de América Latina. Reencuentro de saberes territoriales latinoamericanos. 14. Lima. Anais.

GOFFMAN, E. (1973). *La mise en scène de la vie quotidienne, tome 1 : la présentation de soi*. Paris: Les Editions de Minuit,.

GRANOVETTER, M. (1973). The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, v. Vol 78, n° 6, p. pp. 1360–1380.,

GROSJEAN, M; THIBAUD, J.P.(dir).(2001). *L'espace urbain en méthodes*. Parenthèses, Marseille.

MAGNANI, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n.49, p. 11–29,

MELLO, M., VOGEL. A. (2002). Quand la rue devient maison: habito et diligo dans la ville. *Communications*, "Manières d'habiter", v. n° 73, n. 73, p. 163–185,

MENDES, J.T.N. ; GOMES, M.A.S ; SIQUEIRA, A. Maria da Mata (2014). Políticas públicas, moradia popular e o programa Morar Feliz em Campos dos Goytacazes-RJ: uma análise acerca da favela Margem da Linha, *LIBERTAS*, vol.14, n1, <http://libertas.ufff.emnuvens.com.br/libertas/article/view/2858>, acesso em maio de 2015

MORELLE, M. (2008) "Les enfants de la rue à Yaoundé (Cameroun) et Antananarivo (Madagascar)", IN: SIERRA, A., TADIE., J., *La ville face à ses marges. Autrepart*, (45). pp.43-59

NAVEZ BOUCHANINE, F. (2002). *Des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale : une approche critique de la notion de fragmentation*. Editions du Temps, Paris.

PETONNET, C. (1982). *L'observation flottante : L'exemple d'un cimetière parisien*. *L'Homme*, XXII(4:), p.37–47.

PUIG, N., Entre villes et camps: musiciens palestiniens au Liban. IN: SIERRA, A., TADIE., J., *La ville face à ses marges. Autrepart*, (45). 2008. pp.59-73

RANCIÈRE, J.(2005). *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34.

REGINENSI, C. & BAUTES, N. (2008). La marge dans la métropole de Rio de Janeiro: de l'expression du désordre à la mobilisation de ressources. *Revue: Autrepart*, (47), p.149–168.

REGINENSI, C. (2012). *A la rencontre des vendeurs ambulants et autres informels*. Editions Universitaires Européennes. Saarebruck.

SIERRA, A; TADIÉ, J.(2008). *La ville face à ses marges*. Autrepart, 1,45.

SILVA, HÉLIO.R.S. (2009).A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, v. ano 15, n32, p. 171–188, jul.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* (2014). Trad. Sandra Regina Goulart ALMEIDA; Marcos Pereira FEITOSA; André PEREIRA. Belo Horizonte: Editora da UFMG

CATERINE REGINENSI

VALLADARES, L. (2005). A invenção da favela. Do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV

### **Caterine Reginensi**

Doutora em Sociologia, HDR em Antropologia Urbana, pesquisadora visitante do CNPq Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – Uenf